

Stefanie Rodrigues de Castro Cavalcante

“O ‘IMPERADOR DOS ÚLTIMOS DIAS’ NO PSEUDO-METÓDIO: O
CAMINHO DE MIGALHAS, DAS ‘ORIGENS’ ATÉ A APROPRIAÇÃO
DO COMPLEXO MÍTICO”

Monografia de bacharelado

Departamento de História
Universidade de Brasília

Orientador: Vicente Dobroruka
Defesa: Brasília, 24 de junho de 2011

Membros da banca:
Profa. Dra. Carmen Lícia Palazzo
Prof. Ms. Marcus Vinicius Ramos

Agradecimentos

Dedico este trabalho à Jesus Cristo, pois sem Ele nada seria possível.

Agradeço, primeiramente, a João Paulo, meu esposo, por todo apoio e paciência, por ser um companheiro incondicional e incomparável. Agradeço também a meu orientador, Prof. Dr. Vicente Dobroruka, acadêmico por excelência e amigo admirável. Também devo agradecer aos meus amigos e companheiros do Projeto de Estudos Judáico-Helenísticos – PEJ, por todo apoio durante a graduação. E, especialmente, devo ressaltar quatro grandes amigas: Ana Serique, Marcela Mendes, Míriam Bergo e Júlia Câmara, que estiveram a meu lado por essa jornada e merecem todo meu respeito e admiração.

Resumo

Nesta monografia tenho como objetivo inicial discutir as “origens” do mito do “Imperador dos Últimos Dias” no *Apocalipse do Pseudo-Metódio*. Para tanto, utilizarei a versão siríaca do *Apocalipse de Pseudo-Metódio*, além do *Oráculo de Baalbek*, do *Romance de Juliano*, *O Apóstata*, o *Sermo de Fine Mundi* do Pseudo-Efraim, e a *Sibila Tiburtina*. De posse dessas fontes, demonstrarei como o mito do “Imperador dos Últimos Dias” é uma “invenção” do Pseudo-Metódio e produto do contexto bizantino no séc.VII. Desta feita, farei uma análise enfatizando o *Apocalipse de Pseudo-Metódio* e os *Oráculos Sibilinos*, especificamente seus livros 3 e 5, e explicarei porque o mito do “Último Imperador” foi utilizado às vésperas da Primeira Cruzada, chegando a representar o imperador Carlos Magno.

Sumário

| | |
|--|----|
| Agradecimentos | 2 |
| Resumo | 3 |
| Introdução | 5 |
| Capítulo 1: As “origens” do mito do “Imperador dos Últimos Dias” | 7 |
| 1.1 Contexto de produção do <i>Apocalipse do Pseudo-Metódio</i> | |
| 1.2 <i>O Apocalipse Siríaco do Pseudo-Metódio</i> | |
| 1.3 O mito do “Último Imperador” e o Pseudo-Efraim | |
| 1.4 O mito do “Último Imperador” e a <i>Sibila Tiburtina</i> | |
| 1.4.1 O Oráculo de Baalbek | |
| 1.4.2 <i>A Sibila Tiburtina Latina</i> | |
| 1.5 A tradição bizantina: O Romance de Juliano, o Apóstata | |
| Capítulo 2: A proximidade entre o <i>Apocalipse do Pseudo-Metódio</i> e os <i>Oráculos Sibilinos</i> | 22 |
| 2.1 A apropriação do mito do “Imperador dos Últimos Dias” nas proximidades da Primeira Cruzada | |
| Conclusão | 30 |
| Bibliografia | 32 |

Introdução

O mito do “Imperador dos Últimos Dias” descrito no *Apocalipse do Pseudo-Metódio*¹ tem sido meu objeto de estudo nos últimos dois anos; dessa maneira, essa figura mítica constitui o cerne desta monografia. Desse modo, descreverei adiante, em poucas palavras, as linhas gerais desse apocalipse. São Metódio viveu entre fins do séc.III e início do séc.IV d.C., e vários de seus escritos chegaram aos nossos dias, alguns originais, outros em traduções eslavas que remontam do séc.XI. As informações a respeito da vida e da posição eclesiástica de São Metódio são poucas e confusas, mas aparentemente ele exerceu sua atividade literária entre 270 e 310 d.C. na Lícia, onde, segundo a tradição, foi bispo. Na opinião de alguns investigadores modernos, foi preceptor de uma escola teológica. Na segunda metade do séc.VII um autor siríaco, provavelmente monge, redigiu um apocalipse e atribuiu a paternidade de seu opúsculo a São Metódio².

O *Apocalipse do Pseudo-Metódio* foi escrito na segunda metade do séc.VII, provavelmente em Singara, hoje noroeste do Iraque³. O original está em siríaco⁴, e no mesmo século da produção o apocalipse foi traduzido para o grego. No séc.VIII o documento foi traduzido do grego para o latim por um monge, na França⁵.

Feita esta introdução sobre o documento central, esse trabalho tem dois objetivos principais. O primeiro consiste em examinar a construção do complexo mítico; o caminho que dá “origem” ao mito do “Imperador dos Últimos Dias”

¹ Versões da fonte: latim: Ernst Sackur. *Sibyllinische Texte und Forschungen*. Halle: Niemeyer, 1898. Grego: Willem J. Aerts e Georgius A. A. Kortekaas. *Die Apokalipse des Pseudo-Methodius. Die ältesten griechischen und lateinischen Übersetzungen*. Leuven: Peeters, 1998. (2 vols.) Siríaco: Paul J. Alexander. *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1985 e Gerrit J. Reinink. *Die Syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*. Leuven: Peeters, 1993.

² José van den Belessar. “A profecia apocalíptica do Pseudo-Metódio” in: *Luso-Brazilian Review* 28, 1991.

³ Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, op.cit.

⁴ Reinink, *Die syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*, op.cit.

⁵ Sackur, op.cit. A versão em latim contém um prefácio identificando o tradutor.

descrito pelo Pseudo-Metódio. Para tanto, foi necessário recorrer a outras fontes primárias, que foram utilizadas aqui para reconstruir o caminho do complexo mítico até o *Apocalipse do Pseudo-Metódio*. Esse primeiro objetivo está delineado adiante, no capítulo 1.

O segundo objetivo deste trabalho é verificar *como* o “Imperador dos Últimos Dias” que descreve o Pseudo-Metódio foi apropriado na Idade Média. Para tanto, fiz um panorama das versões do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* que circularam pela Europa nas proximidades da Primeira Cruzada. Dessa feita, é possível perceber um nexó funcional entre o *Apocalipse do Pseudo-Metódio* e os *Oráculos sibílinos*, e esse nexó é examinado no capítulo 2. Além disso, após a análise dos livros sibílinos é possível compreender melhor a obsessão dos homens medievais, às vésperas da Primeira Cruzada, por figuras semelhantes ao “Imperador dos Últimos Dias”.

CAPÍTULO 1: AS “ORIGENS” DO MITO DO “IMPERADOR DOS ÚLTIMOS DIAS”

Trabalhar com as “origens” de um determinado complexo mítico é um exercício demorado e bastante difícil, dado que não se trata apenas de examinar um documento, mas percorrer vários textos em busca de indícios. Além disso, esses indícios não “se dão” para o pesquisador, ao contrário, é preciso “interrogar” os documentos, buscar compreender aquilo que eles não dizem explicitamente. Dessa maneira, este capítulo é dedicado a esse exercício, tendo como documento principal o *Apocalipse de Pseudo-Metódio*.

Como ficará evidente nas páginas seguintes, aqui pretendo estimular a discussão, acreditando que futuramente redigirei artigos e *papers* para complementar e acrescentar, caso a caso, a construção do complexo mítico.

Um tema como este pede uma discussão teórica, ainda que brevíssima, portanto, cabe explicar o que entendo por “origem” neste trabalho. Ao buscar as “origens” do “Último Imperador” deve ficar claro para o leitor que o plural do termo foi utilizado propositalmente. Com base nisso, utilizo como guia neste capítulo a teoria de Ginzburg, pois segundo esse autor, encontrar as raízes de um dado mito é “caçar” os rastros que o complexo deixou ao longo do tempo e espaço em que foi construído⁶. Achar a origem em si, ou *uma* origem apenas, não é possível; o mito que está no Pseudo-Metódio, semelhante à vários outros mitos, é constituído da fusão de costumes e crenças que podem ser encontrados em vários outros complexos míticos e, portanto achar uma origem única para o “Imperador dos Últimos Dias” seria

⁶ Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Companhia das Letras, São Paulo: 1986.

impossível. A proposta deste capítulo é indicar algumas pistas levem ao “caminho de migalhas” da construção do mito.

A singularidade do mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio faz desta busca por suas origens um desafio, já que no ambiente em que foi produzido, o mito foi tão impactante e significativo que seus usos se confundem com seus possíveis textos-fonte. O caso da relação do Pseudo-Metódio com o Pseudo-Efraim é característico dessa sobreposição do motivo do “Último Imperador”. A datação do último se dá, para alguns autores, como posterior à do Pseudo-Metódio e para outros é anterior, e as duas visões parecem bastante convincentes⁷. Além da busca por possíveis textos-fonte, o mito foi estabelecido num determinado contexto, e esse contexto explica muito sobre a intenção do mito, ou seja, o contexto pode nos ajudar a entender o *porquê* de se produzir um apocalipse cristão, escrito em siríaco, em meio às invasões árabes ao império bizantino.

Feitos os esclarecimentos acima, a pretensão de vasculhar o passado em busca de pistas sobre o mito do “Último Imperador” me obriga a delimitar um espaço para tal e, portanto, à seleção de alguns documentos em detrimento de outros. Assim, trabalharei com a versão siríaca do *Apocalipse do Pseudo-Metódio*⁸, já que as versões posteriores para o grego e latim contêm glosas e adaptações, além do *Oráculo de Baalbek*⁹, do *Romance de Juliano, o Apóstata*¹⁰, o *Sermo de Fine Mundi* do Pseudo-Efraim¹¹, e a *Sibila Tiburtina*¹².

⁷ Falarei com detalhes sobre a relação entre o Pseudo-Metódio e o Pseudo-Efraim adiante.

⁸ As versões do *Apocalipse de Pseudo-Metódio* em siríaco que usarei aqui são: Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, op.cit. e Reinink, *Die Syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*, op.cit.

⁹ Reinink, op.cit.

¹⁰ Id. *ibid.*

¹¹ Alexander, op.cit.

¹² Sackur, op.cit.

1.1 Contexto de produção do *Apocalipse do Pseudo-Metódio*

O reino de Heráclio (610-641 d.C.) foi um tempo de mudanças e conflitos. As invasões do império persa aos territórios bizantinos foram um grande desafio. A longa guerra contra Cosroé II parecia não ter fim, mas Heráclio trouxe nova esperança para os bizantinos. O jugo persa já tinha tomado várias partes do império, e em 614 a Terra Santa é invadida pelos persas. A tomada do lugar santo dos cristãos foi um marco durante essas invasões, pois além de tomarem a cidade, os persas levaram as relíquias da cruz que estavam em Jerusalém¹³. A queda de Jerusalém foi um choque para a cristandade, e o que era uma invasão tomou feição de guerra santa¹⁴. O novo imperador, descendente de armênios, se mostrou grande estrategista, e depois de muitas batalhas, em 628 Heráclio obtém a vitória definitiva contra os persas. Derrotado, Cosroé logo é assassinado, e seu sucessor pede a paz. Em 630, Heráclio acompanha pessoalmente a devolução das relíquias da cruz que haviam sido levadas de Jerusalém pelos persas.

Todavia, apesar de derrotar os persas, Heráclio teve grandes problemas enquanto lutava contra os invasores. A perda da Síria e da Palestina, e em 618, a perda do Egito causaram grave abalo econômico no império, e também prejudicaram o fornecimento de bens de consumo para Constantinopla. Os gastos com as investidas militares e com o sustento dos exércitos também foram grandes, criando um problema de falta de verbas no império. Depois de 630, várias medidas fiscais duras tiveram que ser tomadas. Aqueles lugares que foram recuperados da dominação persa tiveram restabelecidos os impostos para o império bizantino, e algumas vezes, estes até foram

¹³ Steven Runciman. *A History of the Crusades*. Cambridge: Cambridge University Press, 1954. (3 vols.). Cf. As notas no fim do vol.1, que indicam as fontes que o autor usa.

¹⁴ Idem, p.11. Onde Runciman fala da produção de William de Tyre, *Livre d'Eracles*, onde William considera Heráclio como o primeiro cruzado, pois o imperador também vai a batalha contra os infiéis para recuperar a Terra Santa.

aumentados. A Igreja também sofreu penalidades econômicas, além de uma maior cobrança de impostos; também foram confiscados alguns bens em ouro e prata de catedrais para ajudar nas finanças do império¹⁵.

O império bizantino acabara de sair de um período longo de guerras, e as dissensões internas borbulhavam entre a ortodoxia e as heresias. E em 634 a Palestina é tomada pelos árabes; em 636 perde-se a Síria. Começam as invasões muçulmanas dentro do território bizantino. No fim do reinado de Heráclio, em 641, o Islã toma o Egito. Após a morte do imperador, o império passa por um período bastante difícil. As fontes são poucas, e aquelas produzidas com objetivo claro de contar a história das invasões são em número ainda mais reduzido, pouco é produzido para relatar os acontecimentos durante o domínio muçulmano. Todavia, esse é o tempo de uma produção profética e apocalíptica muito rica. Desse modo, é nessas fontes, que à princípio são muito fantasiosas, que as informações obscuras, ou seja, aquelas que dizem respeito a mentalidade dos bizantinos em relação as invasões muçulmanas, encontram abrigo.

Durante a dinastia heracliana as invasões se intensificaram, e até Alexandria, que tinha resistido bravamente, cai nas mãos dos muçulmanos em 647. E foi em 691/2, em meio a uma grande confusão de sucessões, quando Justiniano II ainda estava banido¹⁶, que o *Apocalipse do Pseudo-Metódio* foi produzido¹⁷.

¹⁵ John Haldon. “The reign of Heraclius. A context for change?” in: Gerrit J. Reinink e Bernard H. Stolte (eds.). *The Reign of Heraclius (610-641): Crisis and Confrontation*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002.

¹⁶ Após 641, com a morte de Heráclio, a situação do império é sombria. Os árabes eram uma grande ameaça e Constante II, neto de Heráclio, reina de 641-668; depois Constantino IV, filho de Constante, assume o governo entre 668-685. O filho de Constantino, Justiniano II, de temperamento tirânico, assume em 685. Após 10 anos de opressão sob Justiniano, Constantinopla levantou-se contra ele: os revoltosos cortaram-lhe o nariz, e ele foi banido para uma região na Criméia. Mas ele fugiu da prisão e após 10 anos de aventuras entre os bárbaros voltou a Constantinopla, com a ajuda dos búlgaros.

¹⁷ Gerrit J. Reinink. “Pseudo-Methodius und die Legend von römischen Endkaiser” in: Gerrit J. Reinink. *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*. Aldershot / Burlington: Ashgate Variorum, 2005.

1.2. O Apocalipse Siríaco do Pseudo-Metódio

O *Apocalipse de Pseudo-Metódio* é atribuído a Metódio de Patara, bispo que viveu em fins do séc.III, início do séc.IV, como mencionei anteriormente, e que teria produzido muitos tratados teológicos importantes que foram traduzidos para várias línguas. O *codex* que contém a narrativa em siríaco é intitulado:

*Pela ajuda de Deus o Senhor do Universo, o discurso foi composto por meu senhor Metódio, bispo de Olimpo [acrescentado na margem], e mártir, com relação à sucessão de reinos e com relação ao fim dos tempos*¹⁸.

Em seguida, há um pequeno preâmbulo onde “Metódio” pede a Deus que lhe informe “com relação às gerações e com relação aos reinos”¹⁹, que explorarei melhor no capítulo 2.

O original siríaco contém algumas singularidades em relação às suas traduções, apesar de todas as cópias preservarem um núcleo muito semelhante. Resumindo, a narrativa siríaca está dividida em duas partes principais; a primeira está no tempo perfeito – comumente usado para a narrativa nessa língua, e a segunda parte está no imperfeito – tempo comumente usado para a profecia.

A narrativa é dividida em seis milênios e alguns séculos, e a primeira parte seria a parte “histórica” da narrativa e a segunda, a profecia propriamente dita. A parte “histórica” traça as gerações de Adão, passando por Noé e o Dilúvio, até Alexandre, o Grande. Segundo a construção de Pseudo-Metódio Alexandre seria ancestral dos governantes do império bizantino e também do “Imperador dos Últimos Dias”, e com isso este último teria em sua pessoa representados tanto gregos quanto latinos²⁰.

¹⁸ Alexander, “*The Byzantine Apocalyptic Tradition*”, p.16.

¹⁹ Id. *ibid.*

²⁰ Explicarei melhor a narrativa no capítulo 2.

A parte “histórica” da narrativa faz um paralelo com a profecia quando o autor começa a relatar as invasões muçulmanas no império bizantino. As ações dos invasores são retratadas com requintes de crueldade. Segundo o Pseudo-Metódio, Roma iria lutar contra os ismaelitas por dez semanas de anos, e os muçulmanos causarão enorme destruição – mas as vitórias deles sobre os bizantinos não confirmavam que eram amados de Deus: ao contrário, eles eram instrumentos de Deus para punir aos cristãos por seus pecados²¹. A importância dessa última sentença constitui a própria essência do opúsculo. A quantidade de conversões ao islamismo que estavam acontecendo durante as invasões era imensa e, muitas dessas conversões eram justificadas com base nas vitórias dos inimigos, pois já que eles estavam vencendo os bizantinos Deus estaria ao lado deles. Pseudo-Metódio pretendia deixar claro que não havia nenhuma possibilidade de Deus ter abandonado a cristandade: o que estava acontecendo era a punição dos cristãos por terem pecado contra o Altíssimo.

A narrativa continua relatando as ações dos muçulmanos, até que em determinado momento os invasores estarão tão fortes e seguros de seu poderio que blasfemarão dizendo: “Os cristãos não tem salvador”²², e:

*[...] repentinamente virão perdição e calamidade como aqueles de uma mulher em trabalho de parto e o rei dos gregos, e dos romanos, surgirá contra eles em grande fúria, como desperto de sono de vinho, e lutará contra eles como se fossem homens mortos*²³

²¹ Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, p.44.

²² Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, p.48 e Reinink, *Die Syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*, p.60.

²³ Id. *ibid.* Todavia, com relação ao mito do “Imperador dos Últimos Dias” que se levanta contra os infiéis como se estivesse morto, há uma mudança da versão siríaca para a grega. Na versão em siríaco é dito que o rei “lutará contra os homens (os árabes) como se eles estivessem mortos”. Na tradução do siríaco para o grego um erro foi cometido e a passagem se tornou “a quem os homens consideravam estar morto”, e esse erro foi transmitido para a versão latina, inaugurando o mito do rei que retornaria dos mortos, mais tarde aplicado a Carlos Magno. Para a indicação desse erro, cf. Paul J. Alexander. “The Medieval legend of the Last Roman Emperor and its messianic origin” in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 41, 1978. P.3, nota 7. Há uma tradução desta passagem em:

O “rei dos gregos e dos romanos” é aquele que virá em socorro da cristandade e, derrotando os infiéis, terá sob seu domínio todo o mundo. Dessa forma, o poder é devolvido às mãos dos cristãos, que estarão protegidos por esse rei durante “dez anos e meio” nos quais ele morará em Jerusalém, até que, findado o tempo, o “filho da perdição” será revelado. Com o surgimento do Anticristo, o “rei dos gregos e dos romanos” subirá ao Gólgota, a Santa Cruz será erguida, ele colocará sua coroa sobre a cruz, erguerá as mãos para o céu e entregará seu reino cristão para Deus, cumprindo assim a palavra do profeta Davi que diz: “[...] e a Etiópia erguerá suas mãos para Deus” (Sl 68:31). Cumprida a profecia, o espírito do “rei” deixará o seu corpo, e ele morrerá. Esta é a imagem do mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio, na versão siríaca da fonte.

O relato do Pseudo-Metódio é a fonte mais antiga onde é possível encontrar o mito do “Último Imperador” de forma clara e definida. Todavia, é possível que essa figura salvadora não tenha sido usada pela primeira vez pelo Pseudo-Metódio, ou pelo menos, é possível que tenha existido na tradição bizantina uma matriz para essa fórmula. O que define um “Último Imperador” é: ele deve surgir no fim dos tempos, deve ser romano, ou ligado aos romanos (como são os bizantinos), deve render seu reino terrestre a Deus Pai, e dessa forma, dar fim a existência terrena do Império Romano e, a principal função associada a essa figura mítica, é que ele deverá lutar e derrotar um grande exército inimigo, ligando, assim, as duas funções essenciais de vencer um exército inimigo e entregar seu reino a Deus.

Bernard McGinn. *Antichrist: Two Thousand Years of the Human Fascination with Evil*. New York: HarperCollins, 1994. p.91, nota 75, que contém um pequeno erro, mas que está sanado pelo mesmo autor em *Visions of the End. Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979. p.75.

1.3. O mito do “Último Imperador” e o Pseudo-Efraim

O *Sermo de Fine Mundi* do Pseudo-Efraim apresenta uma construção mítica curiosa e, nesse propósito de “caçar” os indícios, o texto pode ser uma das matrizes para a construção do mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio.

Efraim nasceu em Nisibis por volta de 306, mas fugiu para Edessa do ataque dos persas e passou lá os últimos dez anos de sua vida, quando a cidade era o grande centro da intelectualidade da Igreja Siríaca. A produção de Efraim é muito vasta, embora haja ainda alguns problemas para se identificar aqueles textos que são de sua autoria e os que são pseudônimos.

O que pode ser questionado, quando Pseudo-Efraim e Pseudo-Metódio são considerados, é se o Pseudo-Metódio usa o sermão do Pseudo-Efraim como fonte, ou se é o contrário. Sackur defende categoricamente que o sermão depende do Pseudo-Metódio²⁴. Já Alexander postula que o sermão em latim origina-se de uma versão siríaca, pois o sermão traz uma descrição dos povos escatológicos impuros comum aos sécs.VI e VII no Oriente²⁵ e, desse modo, não dependeria do Pseudo-Metódio. McGinn, aceitando a datação do sermão como entre 565 e 628, acredita que o sermão foi uma matriz para o Pseudo-Metódio²⁶.

Para McGinn, o sermão do Pseudo-Efraim traz uma matriz de temas que mais tarde foram apropriados por outras fontes. O autor compartilha a visão de Alexander, que afirma que o sermão traz temas próprios do séc.VI no Oriente, já que trata dos hunos e dos persas, mas não há nenhuma menção ao Islã ou ao “Último Imperador”; assim, o sermão teria sido modelo para inserções posteriores²⁷.

²⁴ Sackur, op.cit.

²⁵ Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, op.cit.

²⁶ McGinn, *Visions of the End*, op.cit.

²⁷ McGinn, *Antichrist*, op.cit.

Reinink apresenta argumentos que favorecem uma datação mais tardia para o sermão do Pseudo-Efraim, argumentando que, pela comparação entre a representação dos povos bárbaros que há no sermão e no Pseudo-Metódio, é possível perceber a dependência do sermão em relação ao Pseudo-Metódio²⁸.

A hipótese de Reinink é bastante plausível, mas não representa uma conclusão definitiva. Aqueles autores que supõem que o sermão é anterior ao Pseudo-Metódio também têm partes favoráveis à sua argumentação. Contudo, mesmo que seja possível considerar que o sermão do Pseudo-Efraim foi matriz para o opúsculo do Pseudo-Metódio, e embora a figura do “Imperador dos Últimos Dias” não esteja presente no sermão de maneira explícita, quando o sermão aborda o fim de Roma, cita 1 Co. 15:24, o mesmo versículo que é usado quando o “Último Imperador” entrega seu reino para Deus, no Pseudo-Metódio. Isto pode ser um indício (supondo que o sermão seja anterior ao Pseudo-Metódio) de que o Oriente já estava moldando o cenário para o mito do “Último Imperador”:

E quando os dias dos tempos daquelas raças estiverem completos, depois que eles tiverem corrompido a terra, o reino dos romanos também descansará e o império dos cristãos ‘será tirado do meio e entregue a Deus o Pai’. Então virá a consumação, quando o reino dos romanos estiver sendo consumido ‘e todo principado e poder’ terá terminado²⁹.

Segundo Alexander, na passagem acima Pseudo-Efraim combina a linguagem de 2 Ts. 2:7 e de 1 Co. 15:24, e usando a principal função do “Último Imperador” – o conflito militar com os inimigos do império -, a ligação com a passagem de 1 Co. 15:24 é importante pois ela contém a expressão do pensamento de São Paulo que faz uma conexão entre a entrega do reino terreno a Deus Pai e a vitória sobre um

²⁸ Gerrit J. Reinink. “Pseudo-Methodius and the Pseudo-Ephremian *Sermo de Fine Mundi*” in: Reinink, *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*, op.cit.

²⁹ McGinn, *Antichrist*, op.cit. p.90. As raças de que Pseudo-Efraim fala são geralmente identificadas com os povos escatológicos de Gog e Magog, apesar do autor do sermão não os tratar por esse nomes.

inimigo³⁰. Assim, mesmo que o Pseudo-Efraim não mencione diretamente o “Imperador dos Últimos Dias”, o uso de suas funções pode indicar que a matriz do mito estava sendo formulada.

³⁰ Alexander, *The Byzantine Apocalyptic Tradition*, op.cit.p.165.

1.4. O mito do “Último Imperador” e a *Sibila Tiburtina*

1.4.1. *O Oráculo de Baalbek*

A *Sibila Tiburtina* latina representa um caso delicado. Alexander faz uma reconstrução das origens da *Tiburtina* e, de acordo com ele, por volta de 380, no reinado de Teodósio, um suposto original em grego foi composto. A *Sibila Tiburtina* grega teria surgido em resposta ao desastre militar em Adrianópolis, onde o imperador Valente foi morto pelos godos em 378. A fonte original em grego logo foi traduzida para o latim, mas ambos os textos estão hoje perdidos. Os três manuscritos que restaram foram compostos pouco depois de 500, e são o que Alexander denomina de *Oráculo de Baalbek*³¹. Embora o *Oráculo* não contenha a figura do “Último Imperador”, que existe na versão latina da *Sibila Tiburtina*, já existe uma série de bons e maus imperadores antes da vinda do Anticristo³². Apesar de não conter a figura do “Último Imperador” em si, o *Oráculo de Baalbek*, ao mostrar essa oposição de bons e maus imperadores, já mostra um novo estágio na apocalíptica cristã, aquele no qual a escatologia imperial toma lugar de destaque³³.

A comparação que pode ser feita entre o texto grego, editado por Alexander³⁴, e o texto latino, editado por Sackur³⁵, revela que essencialmente, os dois textos contam a mesma história, o que pode ser evidenciado não apenas pelas inúmeras passagens onde as palavras do texto latino são o correspondente exato das palavras do texto grego, mas também porque os temas centrais são correspondentes em ambas as

³¹ Paul J. Alexander. *The Oracle of Baalbek: The Tiburtine Sibyl in Greek Dress*. Washington: Dumbarton Oaks, 1967.

³² McGinn, *Visions of the End*, op.cit.p.43.

³³ McGinn, *Antichrist*, op.cit.p.89.

³⁴ Alexander, *The Oracle of Baalbek*, op.cit.

³⁵ Sackur, op.cit.

narrativas. Contudo, entre as narrativas também existem diferenças marcantes³⁶. Com isso, Alexander usa referências textuais para defender a tese de que para ambos os textos, tanto a *Tiburina* latina, quanto o texto grego por ele editado, existia um original no séc.IV hoje perdido³⁷.

1.4.2. A *Sibila Tiburtina* latina

Os manuscritos da *Tiburtina* latina, que são do séc.XI, mostram a figura do “Imperador dos Últimos Dias” bem elaborada. Todavia, não é possível saber com certeza se a versão perdida do séc.IV já continha algum esboço do governante do fim dos tempos. Aqueles historiadores que defendem que o “Último Imperador” que está representado na *Sibila Tiburtina* latina é derivado do Pseudo-Metódio têm vários argumentos a seu favor. Contudo, aqueles autores que acreditam que é possível que a figura salvadora já estivesse presente na versão perdida do séc.IV da *Tiburtina* apresentam como base argumentativa algumas diferenças entre o “Último Imperador” no Pseudo-Metódio e o da *Tiburtina* latina que devem ser dependentes de alguma outra tradição³⁸, ou seja, do texto perdido.

A versão latina da *Tiburtina* contém várias especificidades que não são encontradas em outros apocalipses que trazem a figura do “Último Imperador”. Geralmente, esse imperador romano é uma figura obscura, não há menção ao seu nome nem à sua aparência ou mesmo a sua origem. Já na *Sibila* latina, o “Último Imperador” é nomeado – Constâncio – e vem seguido de uma descrição física. Na *Sibila Tiburtina* latina o “Último Imperador” é introduzido assim:

³⁶ Alexander, *The Oracle of Baalbek*, op.cit.p.48.

³⁷ Idem, p.55.

³⁸ McGinn, *Antichrist*, op.cit.p.89. As notas desta página trazem uma série de autores que defendem as duas posições.

*Então surgirá um rei dos gregos cujo nome será Constácio. Ele será rei dos gregos e dos romanos. Ele será de estatura alta, de aparência bela com face resplandecente, e bem posto em todas as partes de seu corpo. Seu reino será findado após cento e doze anos. Nesses dias haverá grandes riquezas e a terra dará frutos abundantemente*³⁹.

Parece que o autor estava pensando na figura mítica em termos concretos, como comparável aos imperadores romanos do passado e do presente. Assim, não há nenhuma menção de como esse imperador chegaria ao poder, pois o autor deveria seguir a mesma fórmula pela qual todos os imperadores bizantinos chegavam ao poder – por alguma intervenção sobrenatural. Isso tornaria desnecessária qualquer argumentação com passagens bíblicas para justificar sua ascensão.

Todavia, no séc.XI o mito do “Último Imperador” representado pelo Pseudo-Metódio já estava muito difundido entre os membros da Igreja⁴⁰, e é bem possível que a *Tiburtina* tenha tido alguma influência do Pseudo-Metódio. A questão central seria se essa figura já estaria representada no suposto original do séc.IV postulado por Alexander, mas sem o texto só é possível especular.

Assim, mesmo que seja possível considerar o sermão do Pseudo-Efraim como matriz para o *Apocalipse do Pseudo-Metódio*, ou que essa matriz seja original perdido da *Sibila Tiburtina* postulado por Alexander, ou ainda o *Oráculo de Baalbek* com sua lista de bons e maus imperadores, é bem provável que a figura de um “Último Imperador” fosse própria da tradição oriental, talvez até mesmo da tradição bizantina; algo que se desenvolveu por muito tempo em torno da necessidade de inverter o papel de Roma no fim dos tempos, da necessidade de tirar o papel de tirana que Roma tinha no livro de Daniel, conforme as leituras desse livro no começo da era cristã e nos séculos seguintes.

³⁹ Tradução do texto latino que está em Sackur, op.cit. Há uma tradução para o inglês em McGinn, *Visions of the End*, op.cit.p.49.

⁴⁰ Piron, op.cit.

1.5. A tradição bizantina: *O Romance de Juliano, o Apóstata*

Uma das partes de maior destaque, não somente no Pseudo-Metódio, mas em todos os apocalipses que contêm a figura do “Último Imperador”, é a entrega do reino terreno a Deus Pai, seguido da deposição da coroa real na santa cruz, e a sequente morte do imperador. Segundo Reinink, a profecia no *Apocalipse do Pseudo-Metódio* que afirma que: o “Imperador dos Últimos Dias” vai para Jerusalém e lá se estabelece até a revelação do Anticristo e, depois da revelação, o Imperador sobe o Gólgota, e santa cruz é erguida, o imperador coloca sua coroa no topo da cruz e entrega seu reino a Deus; encontra seu pano de fundo no *Romance de Juliano, o Apóstata*⁴¹.

O *Romance* descreve como Joviano recebeu a coroa real, após a morte de Juliano na Pérsia, que foi colocada no topo do estandarte em forma de cruz do exército, e desceu sozinha do topo da cruz e se colocou na sua cabeça. Assim, o autor do *Romance* demonstra como a coroa foi santificada pela cruz, após o reinado pagão de Juliano, e a coroa se tornou símbolo de um reino romano e cristão, representando um reino terreno de Cristo. A questão que Reinink coloca é que mesmo que o *Romance* seja visto como fonte para essa cena no Pseudo-Metódio, o texto não explica como a cena liga-se à Jerusalém e ao Gólgota. Segundo o autor, a alusão à coroa real e a cena da abdicação não são um motivo isolado no Pseudo-Metódio, mas fazem parte de um complexo maior, onde o domínio muçulmano é comparado com o governo pagão de Juliano, e a subsequente restauração com o reinado de Joviano.

A vitória do “Último Imperador” é simbolizada pela cruz, e revela uma importante simbologia para a cristandade: a cruz significa a vitória dos cristãos.

⁴¹ Gerrit J. Reinink. “*The Romance of Julian the Apostate as a Source for Seventh Century apocalypses*” in: Gerrit J. Reinink. *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*, op.cit.

Assim, sendo a cruz erguida no Gólgota, o centro da Terra, marca Jerusalém como a cidade da cristandade por virtude da presença da cruz. Com base nessa linha de argumentação é que Reinink demonstra a influência quase direta de textos mais contemporâneos na redação do Pseudo-Metódio.

CAPÍTULO 2: A PROXIMIDADE ENTRE O *APOCALIPSE DO PSEUDO-METÓDIO* E OS *ORÁCULOS SIBILINOS*

Neste capítulo demonstrarei que existem semelhanças formais entre a figura mítica apresentada no *Apocalipse do Pseudo-Metódio* e duas figuras míticas descritas pelos *Oráculos Sibilinos*. Para tanto, será necessário retomar algumas partes do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* já citadas no capítulo 1.

A tradução do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* para o latim no séc.VIII possibilitou a difusão desse texto pelo Ocidente Medieval, e em vários casos o mito do “Último Imperador” do Pseudo-Metódio foi associado às profecias sibilinas, principalmente nos períodos das cruzadas, quando a imagem do surgimento de uma figura salvadora que viria para ajudar a combater os muçulmanos que haviam invadido Jerusalém era propícia ao contexto.

Com a morte de Carlos Magno, que havia sido coroado imperador romano em 800 d.C., a expectativa do “Último Imperador” ser o *Carolus redivivus*⁴² veio à tona. Nos territórios que haviam sido governados por Carlos Magno, que hoje são basicamente a França e parte da Alemanha, os homens sonhavam que surgiria dentre eles um grande imperador por meio do qual as profecias sibilinas seriam realizadas⁴³.

Dessa forma, no contexto dos *Oráculos Sibilinos*⁴⁴, é possível que algumas referências tenham sido ponto de encontro entre esses livros e o Pseudo-Metódio. O OrSib 3 traz uma figura que é exemplo desse ponto de encontro; o “rei vindo do Sol” tem algumas características que se assemelham muito ao “Imperador dos Últimos Dias”. Assim, o “rei vindo do Sol” é introduzido no OrSib 3:

⁴² Carlos ressuscitado.

⁴³ Norman Cohn. *The Pursuit of the Millenium*. New York: Oxford University Press, 1970.

⁴⁴ Por praticidade usarei a partir desse ponto a abreviatura OrSib, comumente atribuída ao texto. Para uma análise dos eventos históricos apresentados nos OrSib 3 e 5 ver: John J. Collins. “Sibylline Oracles” in: James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Vol.1. Pp.317-472.

E então Deus enviará um rei vindo do Sol que irá acabar com toda guerra maligna na terra, matando alguns, impondo sobre outros juramentos de lealdade; e ele não fará todas essas coisas por seus próprios planos, mas em obediência aos nobres ensinamentos do maravilhoso Deus⁴⁵.

Esse personagem surge em meio ao caos e a destruição⁴⁶, sem que houvesse previsão sobre sua vinda, para salvar os justos e acabar com todas as guerras. A paz será alcançada com a morte de alguns e imposição de juramentos sobre outros, o que destaca a posição guerreira do “rei vindo do Sol”. O texto afirma ainda que a figura salvadora não agirá por seus próprios desígnios, mas de acordo com a vontade de Deus. Dessa forma, ficam evidentes o surgimento repentino, a ação salvadora, a ação guerreira, e a paz que se estabelece após a vitória do “rei vindo do Sol”, que são semelhantes às funções encontradas no mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio.

Além do “rei vindo do Sol” do OrSib 3, também é possível encontrar semelhanças com o OrSib 5, agora com o “homem abençoado vindo do Céu”; esse salvador surge após a destruição do Templo, uma evidente situação de caos, e vem para salvar os justos e destruir as nações perversas. O OrSib 5 descreve a aparição do “homem abençoado vindo do Céu” da seguinte maneira:

Ele [o homem abençoado vindo do céu] destruiu todas as cidades a partir de suas fundações com muito fogo, e queimou as nações de mortais que eram claramente más⁴⁷.

A destruição pelo fogo e o ato de queimar as pessoas más parecem demonstrar ações de guerra do “homem abençoado vindo do Céu”. E mais evidente que no OrSib

⁴⁵ OrSib 3:652-656

⁴⁶ OrSib 3:635-651.

⁴⁷ OrSib 5:418-419.

3, haverá um período de paz sob o governo do “homem vindo do Céu”, onde “Leste e Oeste cantarão a Glória de Deus, e as coisas terríveis não acontecerão mais com os mortais”⁴⁸.

Tanto no mito do “Imperador dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio quanto nos OrSib 3 e 5 há paralelos evidentes. A situação de caos, o aparecimento repentino de um salvador, a ação salvadora, a atitude guerreira que eliminará os perversos, e a paz que será estabelecida sob o governo das figuras salvadoras nas três fontes, são pontos que estão presentes nos três textos e que são de importância significativa para a caracterização da figura mítica do “Último Imperador” de que se apropriou o Pseudo-Metódio.

⁴⁸ Id. *ibid.*

2.1. A apropriação do mito do “Imperador dos Últimos Dias” nas proximidades da Primeira Cruzada

Destacados os paralelos entre as figuras salvadoras no Pseudo-Metódio e os livros 5 e 3 dos OrSib, é possível compreender com mais clareza a facilidade que os medievais tiveram em associar as características do mito do “Imperador dos Últimos Dias” às necessidades que existiam na Idade Média, principalmente nos períodos relacionados com as Cruzadas, à realização das profecias sibilinas.

Assim, com a reprodução do Pseudo-Metódio pelo Ocidente medieval, logo o mito do “Imperador dos Últimos Dias” torna-se conhecido e tem uso no período imediatamente anterior às Cruzadas. A esperança num líder terreno, mas que será estabelecido e fortalecido por Deus, que unirá o Oriente e o Ocidente sob seu domínio, que salvará a cristandade das mãos dos infiéis, preparará os crentes para a “Segunda Vinda de Cristo” e libertará Jerusalém, semelhante ao rei descrito por Pseudo-Metódio, era ideal para o contexto dos cruzados.

É possível perceber a presença de figuras míticas como o “Último Imperador” em outros escritos que circulavam as vésperas da Primeira Cruzada além do Pseudo-Metódio, como na *Sibila Tiburtina*, como mencionei no capítulo 1, então tratarei de um exemplo do uso claro do “Último Imperador” retratado na *Tiburtina*.

Como foi explicitado no capítulo 1, a *Sibila Tiburtina* latina é, provavelmente, derivada de um original grego que também deve ser a fonte para o *Oráculo de Baalbek*. A *Tiburtina* latina conta como Constâncio, rei que governará os gregos e romanos, reclamará todo o império cristão para si. Em cada templo uma cruz será erguida e, findado o tempo previsto para seu reinado, todos se converterão à verdadeira fé, mas nesse momento surgirá o Anticristo⁴⁹. Todavia, a figura do

⁴⁹ Sackur, op.cit.Pp.114-187.

“Último Imperador”, representada por Constâncio parece não estar presente no original grego, mas em algum momento deve ter sido acrescentada na versão latina que chegou até nós, provavelmente influenciada pelo Pseudo-Metódio⁵⁰.

Com a *Tiburtina* em cena no Medievo é possível encontrar ainda outras manifestações do efeito do texto do Pseudo-Metódio, posto que a sobreposição não aconteceu só sobre Carlos Magno. Com efeito indireto, um exemplo marcante é quando, poucos anos antes da Primeira Cruzada, Benzo, bispo de Alba, sobrepõe a figura mítica do “Último Imperador” retratado na *Tiburtina* a um rei medieval. O bispo afirma que Henrique IV conquistaria Constantinopla, derrotaria os infiéis e marcharia para Jerusalém. Na Terra Santa, o imperador encontraria o Anticristo, lutaria com ele e o venceria, e depois governaria um reino universal até o fim dos tempos.

Com toda a euforia antes da Primeira Cruzada, e principalmente com a ajuda de pregadores menores, a população estava cheia de histórias relativas à ressurreição de Carlos Magno com o propósito de liderar as Cruzadas⁵¹. A primeira imagem da lenda sobre Carlos Magno e sua visita a Jerusalém encontra-se na segunda metade do séc.X, no relato de Benedito, o Monge⁵², que narra uma peregrinação liderada pelo imperador romano até o Santo Sepulcro. Todavia, esse relato parece ter contribuído pouco para a formação da lenda; é somente nas proximidades da Primeira Cruzada que a história de um grupo armado liderado por Carlos Magno a caminho de Jerusalém vem à tona⁵³.

⁵⁰ McGinn, *Visions of the End*, op.cit.

⁵¹ Sabemos muito pouco sobre o grau de impacto das expectativas messiânicas e apocalípticas na imaginação das massas de pobres que fizeram a peregrinação. As fontes que dispomos não são confiáveis para esse mérito. McGinn, *Visions of the End*, op.cit.p.89.

⁵² Benedictus Monachus. “Chronicon Benedicti Monachi.” in: *Documenta Catholica Omnia*. <<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>>. 11/06/2009.

⁵³ McGinn, *Antichrist*, op.cit.p.103, nota 130. Existem manuscritos sobre a lenda de Carlos Magno junto com escritos sobre Metódio.

Assim, com a consolidação da lenda sobre a volta de Carlos Magno foi propício para o clero pregar sobre a liderança do *Carolus redivivus* para recuperar Jerusalém⁵⁴. E nas mãos dos *profetae* Carlos Magno também se tornou o “rei maior”, o patrono dos pobres. Consolidado o mito da volta do imperador romano, não foi difícil para a população identificar Carlos Magno com o “rei dos gregos e dos romanos” que os homens pensavam estar morto e sem nenhuma utilidade, como descrevera Pseudo-Metódio em seu apocalipse.

Dentre vários outros exemplos de figuras que se apropriam do título de “Último Imperador”⁵⁵, Emico ou Emich, Conde de Leiningen, é o mais notável. Ele foi um barão feudal famoso por sua ferocidade, e liderou o massacre de vários judeus ao longo do Reno⁵⁶. Ele dizia ter sido chamado para carregar a cruz por meio de uma visão que Deus lhe enviara. A fama de bom soldado trouxe a Emico grande apoio da nobreza, e vários nobres se juntaram a ele em sua missão. Ignorando as ordens do imperador Henrique, Emico convenceu seus seguidores a partirem no dia 3 de maio para o ataque a uma comunidade de judeus perto de sua casa. O ataque não foi bem sucedido; o bispo de Spier colocou a comunidade judaica sob sua proteção. Todavia, ao chegarem a Worms, Emico e seus seguidores iniciaram uma nova perseguição aos judeus, desta vez com dimensões alarmantes⁵⁷. Outro grande massacre seguiu-se em Mainz. Segundo o relato, parece que a horda atacava todas as comunidades de judeus que encontrava pelo caminho.

A respeito da marca que dizia carregar no ombro, o barão contava que um dia um mensageiro de Deus veio a ele e colocou sobre sua carne uma marca divina, o

⁵⁴ Cohn, op.cit.p.72.

⁵⁵ Cohn, op.cit.p.73.

⁵⁶ Relato sobre o massacre e sobre o próprio Emico, ver: Alberto de Aix. in: <http://www.fordham.edu/22/09/2009>. Também fala sobre Emico, Ekkehard de Aura. in: < <http://www.fordham.edu/22/09/2009>.

⁵⁷ Alberto de Aix, op.cit.

que, para ele, claramente era indicação de ter sido escolhido por Deus. Emico dizia que esse sinal era a marca de uma cruz no ombro; segundo ele, Carlos Magno também tinha a marca e o “Imperador dos Últimos Dias”, *idem*. Emico anunciava que essa marca indicava de que o próprio Cristo o lideraria até a vitória, colocaria a coroa em sua cabeça e que essa coroação aconteceria na parte sul da Itália, governada então pelo imperador bizantino. Apesar de Emico alegar ter sido eleito por Deus e querer assumir o papel que o bispo Benzo antes tinha tentado sobrepor a Henrique IV, o de “Último Imperador”, a expedição do barão foi um fracasso⁵⁸. Sua horda nunca chegou a Ásia Menor; ao contrário, foram dispersos pelos húngaros e Emico retornou para casa sozinho.

Apesar do fim fatídico de sua empreitada, a imagem que Emico tinha criado para si permaneceu mesmo após sua morte. Anos depois de sepultado, ele supostamente “vivia” numa montanha perto de Worms, uma lenda que sugeria que a imaginação popular insistia em transformá-lo no herói adormecido que deveria voltar em algum momento.

Dos exemplos acima, sugeridos por Cohn, compartilho de sua visão quanto à influência do “Último Imperador” nas figuras supracitadas. Todavia, tendo a não ver como uma simples assimilação do Pseudo-Metódio, principalmente pelos profetas populares. O uso por parte clérigos do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* pode ser evidenciado simplesmente pela quantidade de cópias do opúsculo nas vésperas da Primeira Cruzada, como afirmei acima. Quanto ao uso do mito do “Último Imperador” ou de algo muito parecido com ele por homens mais “mundanos”, ou seja, leigos, suponho que seja mais uma apropriação de algo de que devem ter ouvido falar durante as pregações do que de algo com que tenham tido contato em primeira mão,

⁵⁸ Apesar de Ekkehard de Aura dizer o contrário. Ekkehard de Aura, *op.cit.*

como fonte escrita. Mas de uma forma ou de outra, a esperança que os cruzados depositaram na presença da figura do “Imperador dos Últimos Dias”, o qual os levaria certamente a vitória não deve ser menosprezada.

Como diz Piron, as contínuas cópias do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* significam que os copistas acharam fundamentos na profecia⁵⁹. Apesar do início do *Apocalipse* ser muito importante, acredito que, para a delimitação temporal desta monografia, esses fundamentos se devam a presença do “Último Imperador” nos textos.

Não tenho a intenção de menosprezar eventuais outros motivos, que são bastante claros e que estimularam aos cruzados a ir para Jerusalém, como as promessas de salvação imediata e remissão dos pecados caso o peregrino morresse na luta, como Urbano II anunciou no Conselho de Clermont, em 1095. Todavia, tendo a ver a importância do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* no medievo como uma indicação de que a crença no “Imperador dos Últimos Dias”, que levaria a cristandade a uma vitória certa, deve ter tido um peso significativo no impulso para a peregrinação militar dos cruzados.

⁵⁹ Sylvain Piron. “Anciennes sibylles et nouveaux oracles. Remarques sur la diffusion des textes prophétiques en Occident, VII^e-XIV^e siècles” in: Stéphane Gioanni e Benoît Grévin (eds.). *L’Antiquité tardive dans les collections médiévales. Textes et représentations, VIe-XIVe siècle*. Rome: École Française de Rome, 2008. Pp.262-304.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a apresentação feita no capítulo 1, nota-se que discutir a origem do mito do “Imperador dos Últimos Dias” constitui-se muito mais da exploração do contexto de produção do texto, do que simplesmente esperar que o próprio texto revele sua singularidade. O contexto político vivido no Oriente cristão em fins do séc.VII, como já foi visto, marca a necessidade clara de respostas imediatas. O surgimento e a rápida expansão da literatura siríaca no fim do séc.VII dificilmente foi acidental, e não pode ser explicado simplesmente pela necessidade óbvia de uma resposta apocalíptica às invasões árabes.

Reinink sugere que o *Apocalipse do Pseudo-Metódio* foi uma resposta à propaganda que o califa lançou com relação à Jerusalém, com destaque para a construção do “Domo da Rocha”, concluída em 691 d.C., no lugar do templo judeu. A construção pomposa do “Domo” por ‘Abd al-Malik queria afirmar a vitória e superioridade do islamismo sobre a cidade cristã no por excelência séc.VII. Assim, os muçulmanos não estavam somente se afirmando como sucessores políticos do império bizantino, mas também estavam colocando o islamismo como sucessor da cristandade no Oriente Próximo.

Como demonstrei, um complexo como o do “Último Imperador” pode ter suas raízes tão distantes como no *Oráculo de Baalbek*, ou como no mais próximo *Romance de Juliano*, o *Apóstata*. Dessa forma, fica claro que uma origem apenas é impossível de ser rastreada, mas há um percurso do mito, um processo de construção quase que involuntário, fruto de adaptações e de necessidades; quando estas adquiriram uma composição “final” formaram um dos mitos mais influentes pelo Ocidente medieval, mas claramente de origem oriental.

Feita a análise das origens do “Último Imperador” torna-se possível, com auxílio dos *Oráculos Sibilinos*, demonstrar a importância que o *Apocalipse do Pseudo-Metódio* teve no Ocidente medieval. A possibilidade destacada por Cohn, de que os medievais poderiam identificar nas Cruzadas o contexto propício para a realização das profecias sibilinas foi essencial para essa inferência.

Com a comparação entre as figuras míticas descritas nos OrSib 3 e 5 foi possível entender como aconteceu a identificação dessas profecias com aquela relativa à vinda do “Último Imperador”. Além disso, a quantidade de cópias do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* espalhadas pelo Ocidente depois do séc.VIII permite especular que aqueles homens que imaginavam a vinda de uma figura semelhante ao “Último Imperador” do Pseudo-Metódio, realmente teriam tido contato, direta ou indiretamente, com o texto do *Apocalipse do Pseudo-Metódio*.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Paul J. “Medieval Apocalypses as historical sources” in: *The American Historical Review* 73, 1968.

_____. *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1985.

_____. *The Oracle of Baalbek: The Tiburtine Sibyl in Greek Dress*. Washington: Dumbarton Oaks, 1967.

BELESSAR, José van den. “A profecia apocalíptica de Pseudo-Metódio” in: *Luso-Brazilian Review* 28, 1991.

MCGINN, Bernard. *Antichrist: Two Thousand Years of the Human Fascination with Evil*. New York: HarperCollins, 1994.

_____. *Visions of the End. Apocalyptic traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Companhia das Letras, São Paulo: 1986.

HALDON, John. “The Reign of Heraclius. A context for change?” in: REININK, Gerrit J. e STOLTE, Bernard H. (eds.). *The Reign of Heraclius (610-641): Crisis and Confrontation*. Leuven / Paris / Dudley: Peeters, 2002.

PIRON, Sylvain. “Anciennes sibylles et nouveaux oracles. Remarques sur la diffusion des textes prophétiques en Occident, VII-XIV siècles” in: GIOANNI, Stéphane e GREVIN, Benoît (eds.). *L’Antiquité tardive dans les collections médiévales. Textes et représentations, VIe-XIVe siècle*. Rome: École Française de Rome, 2008. Pp.262-304.

REININK, Gerrit J. *Die Syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*. Leuven: Peeters, 1993.

_____. "Pseudo-Methodius and the Pseudo-Ephremian Sermo de Fine Mundi" in: REININK, Gerrit J. *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*. Aldershot / Burlington: Ashgate Variorum, 2005.

_____. "Pseudo-Methodius und die Legend Von römischen Endkaiser" in: VERBEKE, Werner; VERHELST, Daniel e WELKENHUYSEN, Andries (eds.). *The Use and Abuse of Eschatology in the Middle Ages*. Leuven: Leuven University Press, 1988.

_____. "The Romance of Julian the Apostate as a source for Seventh Century apocalypses". in: REININK, Gerrit J. *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*. Aldershot / Burlington: Ashgate Variorum, 2005.

RUNCIMAN, Steven. *A History of the Crusades*. Cambridge: Cambridge University Press, 1954.

SACKUR, Ernst. *Sibyllinische Texte und Forschungen*. Halle: Niemeyer, 1898.